

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
COM A LINHA DE SOMBRA
19 e 29 de janeiro de 2026

HENRY & JUNE / 1990
(Henry e June)

Um filme de Philip Kaufman

Realização: Philip Kaufman / *Argumento:* Philip e Rose Kaufman baseados num livro de Anaïs Nin / *Produção:* Peter Kaufman / *Produção Associada:* Yannoulla Wakefield / *Direção de Fotografia:* Philippe Rousselot / *Montagem:* Dede Allen, Vivien Hillgrove, William S. Scharf / *Casting:* Margot Capelier, Donna Isaacson, John S. Lyons / *Música:* Mark Adler / *Design de Produção:* Guy-Claude François / *Direção Artística:* Georges Glon / *Guarda-roupa:* Yvonne Sassinot de Nesle / *Interpretações:* Fred Ward (Henry Miller), Uma Thurman (June Miller), Maria de Medeiros (Anaïs), Richard E. Grant (Hugo), Kevin Spacey (Osborn), Jean-Philippe Écoffey (Eduardo), Bruce Myers (Jack), Juan Luis Buñuel (Editor), Féodor Atkine (Instrutor de Dança), Sylvie Huguel (Emilia) Artus de Panguern (Brassaï), Pierre Étaix (amigo de Henry 1) Pierre Edernac (amigo de Henry 2), Gaëtan Bloom (amigo de Henry 3) Alexandre De Gall (amigo de Henry 4), Karine Coulevard (namorada de Osborn), Gary Oldman (Pop) / *Cópia:* Digital, a cores, falado em inglês com legendas eletrónicas em português / *Duração:* 136 minutos / *Estreia Mundial:* Setembro de 1990, Festival de Veneza / *Estreia Nacional:* 26 de outubro de 1990 / *Primeira passagem na Cinemateca.*

Visto ou revisto hoje, longe do tempo da sua relativa consagração crítica, **Henry & June** é menos interessante a representar o sexo, perdendo na comparação (suscitada por certa crítica) com **Último tango a Parigi** (1972), de Bernardo Bertolucci, do que na reflexão que lança sobre a criação e inspiração artísticas enquanto fenómenos de devoração do outro. É isso que alimenta o triângulo ou triângulos que se cruzam, intercetam e mutuamente se alimentam e, em parte, se destroem. Anaïs procura a franqueza radical e a terna violência da escrita de Henry Miller, mas também procura fazer como June, isto é, tornando a sua vida, a sua beleza e *allure* natural numa obra de arte em movimento. Já o marido, interpretado por Richard E. Grant, fica um pouco perdido na equação, em *standby*. A irrequietude sexual impõe-se, na personagem Anaïs, como motivação principal em todo o processo de escrita, quando, antes disso, o sexo era apenas um objeto teórico vivido de modo mediado, nomeadamente através da prosa de D. H. Lawrence. A escrita como produto do desejo, um muito concreto desejo de possuir o outro, aproxima, por portas travessas, **Henry & June** de um filme problemático ou problematizante como **La academia de las musas** (2015), de José Luis Guerín, obra que frontalmente teoriza sobre essa linha ténue entre vida e arte, sexo e criação. E, em certa medida, é assim que Kaufman, através da interpretação de Maria de Medeiros, representa a escritora de cidadania tripla, cubana, francesa e americana, enquanto esta “se perde” na Paris dos (*ainda* loucos) anos 30; enfim, como uma espécie de “contra-musa” algo indecisa e insaciavelmente curiosa. Como se verifica no último cartão, June foi “alimento” da escrita tanto de Henry quanto de Anaïs, sendo que o autor do ultra controverso *Tropic of Cancer* se constitui como primeiro leitor dos escritos íntimos e (radicalmente) intimistas de Anaïs (no filme, a própria diz que apenas deixou o marido espreitar o que havia escrito nos seus diários).

Este será um dos aspetos mais interessantes de **Henry & June**. O outro potencialmente desafiante prende-se com a obra irregular de Philip Kaufman, realizador norte-americano que ganhou nome nos anos 80 como argumentista (coassina o argumento de **Raiders of the Lost Ark** [1981]), como realizador (por exemplo, é responsável pelo *remake* do clássico *sci-fi* de horror **The Invasion of the Body Snatchers** (1956) e ainda adapta Tom Wolfe em **The Right Stuff** (1983), uma obra sobre a conquista dos ares e do espaço. O que se passa a seguir a este último filme, que ganhou quatro Óscares, é uma tentativa de continuar a sorver as melhores e mais prestigiantes fontes literárias e uma vontade de internacionalizar o seu cinema: **The Unbearable Lightness of Being** (1988), adaptando Milan Kundera com a ajuda de Jean-Claude Carrière, e, enfim, este **Henry & June**, adaptando, com a sua mulher, Rose, o livro homónimo de

Anaïs (resultante da extração de uma parte interdita dos seus diários) sobre esse período em que intensamente viveu a noite parisiense, descobrindo-se como mulher e como escritora na companhia de alguns dos mais estimulantes artistas do seu tempo (a sequência em que vemos o grande fotógrafo Brassai enquanto produz o seu célebre fresco sobre Paris à noite serve a ilustração deste período histórico inegavelmente titilante). Ora, na apresentação de **Henry & June**, na Cinemateca Francesa, em 2020, disponível *online*, Kaufman tentou colar as pontas da sua obra pré e pós-**The Right Stuff** de maneira curiosa: “Eles são escritores que enfrentam, entre aspas, ‘demónios’. (...) **The Right Stuff** também é sobre pessoas a enfrentarem ‘demónios’, mas de outro tipo.”

De qualquer modo, e nessa mesma apresentação, Kaufman explica como o filme só começou verdadeiramente a ganhar forma a partir do momento em que Maria de Medeiros aceitou o desafio de interpretar a protagonista. À época, a atriz portuguesa já se havia abalanchado numa carreira internacional, dividida entre Portugal e França. Os dois filmes que a mostram ao mundo e a catapultam para uma série de projetos de cinema e de televisão foram **Silvestre** (1981) de João César Monteiro e **A Estrangeira** (1982) de João Mário Grilo. **Henry & June** prometia abrir portas ao mercado anglófono, um passo importante seguido de outro que lhe granjearia uma notoriedade ainda maior: o de ter acedido ao desafio lançado por Quentin Tarantino de encarnar Fabienne em **Pulp Fiction** (1994). Curiosamente, voltaria a encontrar-se aí com June, quer dizer, com uma atriz, à época do filme de Kaufman perto de desconhecida, chamada Uma Thurman. No ano de **Pulp Fiction**, Medeiros juntava-se pela primeira vez a Teresa Villaverde em **Três Irmãos** (1994). Digamos que **Henry & June** é a antecâmara de um período particularmente feliz na carreira de Maria de Medeiros, dentro e fora de portas. O que a personagem de Anaïs parece trazer à construção da sua *persona* no grande ecrã é uma mistura sedutora de inocência com malícia. E, acima de tudo, havia um rosto para ser amado, remissivo de algumas atrizes do mudo (ocorre-me Janet Gaynor como termo de comparação).

Quando Henry Miller, interpretado por Fred Ward (que integrara o elenco de **The Right Stuff**), diz que viu no olhar de Antonin Artaud sobre Maria Falconetti em **La passion de Jeanne d’Arc** (1928) um reflexo do olhar que Medeiros/Anaïs lhe suscita, está também a aludir a Medeiros e não apenas à personagem que interpreta e, com isso, a produzir uma racha no espelho (digna de Brassai) não suficientemente assumida no tecido do filme, ainda que o momento em que Medeiros diz um ditado português, “Se a merda fosse dinheiro, o pobre não tinha cu”, na sua língua nativa suscite semelhante baralhação – e se **Henry & June** fosse afinal, como diria Godard, um documentário sobre o desabrochar de uma atriz tão singular e inclassificável quanto a personagem que esta interpreta? De maneira mais ou menos assumida e feliz, o filme explora, enfim, uma série de jogos de olhares – olhares de olhares, reflexos de reflexos – em que nunca ninguém é suficiente para saciar o outro, mas em que os tais “demónios” estão sempre ao virar da esquina. Este é o seu labirinto existencial e é verdade que, várias vezes, o filme também se perde dentro de si mesmo.

Passados mais de trinta anos sobre a sua estreia, **Henry & June** não reteve o poder ou alguma réstia de sensualismo ou erotismo que pudesse (con)ter à época (a sua classificação NC-17 deu brado mas hoje parece muito inadequada), restando apenas a reconstituição histórica dramaturgicamente plana, ao jeito de um bem académico “filme de prestígio”, próximo daquilo que Jean-Claude Biette designava por “cinema filmado”, isto é, filmes cujos valores de produção (*vide* a fotografia de Philippe Rousselot ou a direção artística de Georges Glon) “se chegavam à frente” face à escassez de tudo o resto. As próprias cenas de sexo são filmadas com um refinamento indolente, contrariando, por exemplo, a prosa viril de Miller ou a escrita à flor da pele de Anaïs. É como se Kaufman evitasse os corpos (tivesse medo deles), privilegiando o decorativo, as ilustrações e escondendo-se por detrás de biombos e naturezas-mortas. Apesar disso, e muito por causa da interpretação de Maria de Medeiros, **Henry & June** não deixa de conter um convite, que não se rejeita, à (re)descoberta da escrita de Anaïs e a um aprofundamento deste período histórico. O cinema como janela para uma escrita e para um tempo.

Luís Mendonça